

Sede das Nações Unidas (New York), 28 de Maio de 1997

Simpósio:
"RUMO À UNIDADE DAS NAÇÕES E À UNIDADE DOS POVOS"

Moderador: Excelências, distintos representantes e membros do secretariado, estimados líderes religiosos, colegas das Organizações Não Governamentais, senhoras e senhores:

É para mim uma grande honra o papel de moderador neste simpósio que quer celebrar a atribuição do Prémio pela Educação à Paz da UNESCO 1996 à Senhora Chiara Lubich, fundadora e líder do Movimento internacional dos Focolares.

Gostaria de chamar a vossa atenção para o programa de hoje. O simpósio que se segue é intitulado: "Rumo à unidade das nações e à unidade dos povos" e quer sublinhar, aqui em Nova Iorque, a entrega do Prémio pela Educação à Paz da UNESCO, em Dezembro de 1996, em Paris, à Senhora Chiara Lubich.

O simpósio será aberto formalmente por um discurso de saudação do Arcebispo Renato Martino.
(*Aplausos*)

Arcebispo Renato Martino: Senhoras e senhores, dou as calorosas boas-vindas a este simpósio, intitulado "Rumo à unidade das nações e à unidade dos povos", que é promovido pela Missão do Observador Permanente da Santa Sé junto das Nações Unidas juntamente com a Conferência Internacional das Religiões para a Paz. Alegro-me por participar neste acontecimento, por escutar o discurso da nossa oradora principal, a Senhora Chiara Lubich, assim como por escutar alguns membros do público na segunda parte do programa.

À Senhora Chiara Lubich endereço mais uma vez as minhas congratulações pessoais por ter recebido recentemente o Prémio pela Educação à Paz da UNESCO, citando as palavras enviadas pelo Cardeal Angelo Sodano, secretário de Estado de Sua Santidade: "O Santo Padre partilha a sua alegria. A comunidade internacional, ao conferir-lhe esta honra, exprime um apreço por todo o seu trabalho em favor da paz, da reconciliação e da amizade entre os povos". (...)

A mensagem e o testemunho de Chiara e do Focolar no globo inteiro repetem os da Igreja universal e reflectem também os esforços da Santa Sé na área da diplomacia internacional, aqui, na Sede das Nações Unidas e em todo o mundo. (...)

Dando lugar à continuação deste simpósio, a minha esperança é que os olhos, os ouvidos e os corações de todos se abram para receber esta importante mensagem e se tornem seus instrumentos para a felicidade de todos e para a realização da família humana. Que Deus os abençoe. (*Aplausos*)

Moderador: Obrigado, Arcebispo Martino, pelas suas palavras de boas-vindas. Agora desejo dar a palavra ao Sr. Alfatih Hamad, alto funcionário do Departamento da UNESCO em Nova Iorque, a fim de que nos transmita a mensagem da UNESCO.

Dr. Alfatih Hamad: Obrigado, Padre.

Chiara Lubich, fundadora do Movimento dos Focolares, foi escolhida no ano passado, após a mais breve deliberação do júri na história do prémio, para receber este título. Facto bastante significativo, Chiara Lubich foi honrada pela UNESCO no mesmo ano em que a comunidade internacional celebrava o cinquentenário da organização. Foi uma coincidência muito feliz quer para a Doutora quer para a UNESCO.

O Júri internacional (...) escolheu-a como premiada de 1996 por apreciar o contributo decisivo de um Movimento na construção da paz e da unidade entre os povos, as gerações e as classes sociais, sem distinções de idades, de raças, estados sociais ou credos religiosos. (...)

Juntamente com outros, tanto no interior como no exterior do sistema das Nações Unidas, a UNESCO participa profundamente neste papel e com esse objectivo estabeleceu diplomas universitários e redes de estudos sobre os direitos humanos, a democracia e a paz no mundo. Membros da sociedade civil, como o Focolar, prestaram-se a colaborar com a UNESCO na mobilização das energias intelectuais da juventude.

O exemplo mais eloquente desse contributo foi, talvez, o encontro organizado em Roma em 1995 pelo Movimento e patrocinado pela UNESCO, com a participação de mais de 14.000 jovens de cerca de 80 países, reunidos para celebrar o Ano da Tolerância, proclamado pelas Nações Unidas; cuja agência executiva no seio das Nações Unidas é a UNESCO. Aqueles futuros dirigentes do nosso mundo empenharam-se em agir activamente contra qualquer forma de racismo e de exclusão. A UNESCO ficou muito satisfeita com essa colaboração e espera continuar a melhorá-la com o apoio de mulheres e de homens do calibre de Chiara Lubich. (*Aplausos*)

Moderador: Agradeço-lhe, Dr. Hamad, por nos ter explicado a grande importância do Prémio UNESCO pela Educação à Paz e da atribuição desse Prémio a Chiara Lubich, fundadora do Movimento dos Focolares.

Desejo agora dar a palavra à vencedora do Prémio UNESCO pela Educação à Paz, fundadora e líder do Movimento dos Focolares, a Senhora Chiara Lubich, sobre o tema: "Rumo à unidade das nações e à unidade dos povos". (*Aplausos*)

Chiara:

Excelências, Senhoras e Senhores, temos a honra de estar aqui no Centro de um organismo mundial: a ONU, que engloba como seus membros 185 nações, "unidas" com o supremo objectivo de "manter a paz e a segurança internacional".

Como diz o seu Estatuto, procura essa finalidade mediante o respeito dos direitos fundamentais da pessoa e dos povos, a cooperação económica entre os Estados, o progresso social de cada país.

É uma acção que visa eliminar os inúmeros flagelos que atingem a humanidade: guerras, corrida aos armamentos, negação das liberdades próprias de cada membro da família humana e, ainda, fome, analfabetismo e pobreza.

É esse, como sabemos, o novo conceito de "paz e de segurança" que foi confiado às Nações Unidas: ou seja, a paz é concebida não tanto como ausência de guerra, mas como resultado de condições que produzem a paz.

Trata-se então de uma instituição altamente benemérita, que encontra, além do consenso da humanidade, também a bênção do Céu, se é verdade o que afirmou Jesus Cristo, Príncipe da Paz: "Felizes os construtores de paz, porque serão chamados filhos de Deus" (cf. Mt 5, 9).

Eu, que hoje me encontro aqui, também represento um fenómeno que existe praticamente em todas as nações do mundo, ainda que mais humilde, menos conhecido, mas talvez não isento de significado diante da grande e famosíssima instituição que me hospeda.

De facto também essa realidade, cujo nome é "Movimento dos Focolares", tem por objectivo a paz no mundo. Está presente na Igreja católica, em mais de 300 Igrejas e em muitas Religiões, sem excluir aquelas pessoas que talvez não tenham uma fé religiosa, mas possuem boa vontade.

Visando a unidade entre os indivíduos, os grupos e os povos, sonhando uma situação, que poderia ser expressa pelos termos: "Mundo unido", cria a paz no mundo.

O Movimento propõe, promove, constrói a paz não a alto nível, como faz a ONU, mas no meio da humanidade, do povo, entre pessoas de língua, raça, nação e fé diferentes. (*Aplausos*)

E qual é o vínculo da unidade, causa da paz?

É o amor. É o amor que bate em cada coração humano, que para os discípulos de Cristo pode consistir no assim-chamado "ágape", que é uma participação do amor em si que vive em Deus: um amor forte, um amor capaz de amar até aquele que não retribui e ataca, como o inimigo; um amor capaz de perdoar.

Para quem segue outros credos religiosos, é um amor que se pode chamar benevolência e é expresso por aquela "regra de ouro" que enriquece muitas religiões e que diz: "Faz aos outros o que gostarias que fizessem a ti. Não faças aos outros o que não gostarias que fizessem a ti".

É um amor que, para as pessoas que não têm uma fé religiosa, se pode traduzir por filantropia, solidariedade, não-violência.

É o amor, portanto. Um amor humano-divino que não exclui o amor simplesmente humano e liga homens e mulheres, crianças e idosos, pessoas de todas as condições sociais, fazendo delas um só coração.

Isto acarreta consequências tanto no plano espiritual como no plano material: uma partilha mais ou menos plena, mas sempre na atmosfera da paz.

Por isso, por esta sua vocação à unidade e à paz, o Movimento dos Focolares hoje, através de mim, sente que se encontra neste lugar como se estivesse em sua casa e adverte o impulso interior a oferecer o seu contributo, que provém da base.

O Focolar, de resto, como muitos dos senhores sabem, está presente na ONU através de uma sua ramificação empenhada no social, o Movimento Humanidade Nova, que, enquanto organização não governamental, goza do status consultivo de tipo B junto do Conselho Económico e Social (ECOSOC).

Essa nossa presença quer testemunhar um interesse e uma abertura para com todos aqueles que, como prestigiosos representantes dos povos na ONU, ou como funcionários altamente qualificados, procuram muitas vezes, com fadiga, dia após dia, conhecer e interpretar o que acontece aqui ou acolá no mundo; procuram estar presentes onde a paz corre perigo, onde o equilíbrio do mundo está comprometido, onde os direitos dos homens são espezinhados e o desenvolvimento, reduzido a um objectivo longínquo.

Não só. O Movimento dos Focolares hoje, na minha pessoa, sente também o incentivo a colaborar de outra maneira, ou seja, a oferecer-lhes um breve quadro da espiritualidade que nos anima e que é o segredo da unidade e da paz entre as mais diversas pessoas. Espero que este dom lhes agrade.

A nossa espiritualidade, actual e moderna, é chamada espiritualidade da unidade. Esta cria um estilo novo de vida, assumido por milhões de pessoas, o qual, inspirando-se fundamentalmente em princípios cristãos - sem desleixar, mas evidenciando valores paralelos noutros credos e noutras culturas -, promove neste mundo, necessitado de reencontrar ou de consolidar a paz, justamente a paz e a unidade.

Esta espiritualidade é vivida não apenas individualmente, mas também por muitas pessoas, em conjunto. Possui de facto uma dimensão comunitária muito saliente.

Afunda as suas raízes nalgumas frases do Evangelho, que estão todas encadeadas. Cito apenas algumas:

A espiritualidade da unidade pressupõe, antes de mais, uma profunda consideração de Deus na sua verdadeira realidade: Amor, Pai.

De facto, como se poderia imaginar a paz e a unidade no mundo sem conceber toda a humanidade como uma única família? E como considerá-la assim sem a presença de um Pai para todos?

A espiritualidade exige, pois, que abramos o coração a Deus Pai, que decerto não abandona os seus filhos ao próprio destino, mas quer acompanhá-los, protegê-los, ajudá-los; que não põe cargas demasiado pesadas às costas deles, mas é o primeiro a carregá-las.

Acreditar no Seu amor é o imperativo desta nova espiritualidade. Acreditar que somos amados por Ele pessoal e imensamente.

Com efeito, Deus conhece o mais íntimo de nós mesmos; segue cada um de nós em todos os detalhes; conta inclusive os cabelos da nossa cabeça (cf. Lc 12, 7). Não abandona a renovação da sociedade à iniciativa dos homens, mas encarrega-se dela.

Acreditar no amor de Deus. E, entre as mil possibilidades que a existência oferece, escolher Deus como Ideal da vida, ou seja, assumir inteligentemente desde já a atitude que cada homem assumirá para com Deus no futuro, quando alcançar o destino a que foi chamado: a Eternidade.

Mas obviamente não basta acreditar no amor de Deus. Não basta ter feito a grande escolha dele como Ideal da vida. A presença e o cuidado de um pai impele cada pessoa a ser filho, a amar por sua vez o pai, a actuar dia após dia aquele desígnio de amor especial que o Pai tem sobre cada um de nós, ou seja, a fazer a Sua vontade.

E sabe-se que a primeira vontade de um pai é que os filhos se tratem como irmãos, se estimem, se amem; que conheçam e pratiquem aquilo que pode ser definido: "a arte de amar" que jorra do Evangelho.

Esta "arte" quer que amemos todos, todos, todos. Não podemos escolher entre o simpático ou o antipático, o bonito ou o feio, da nossa pátria ou estrangeiro, branco ou negro, ou amarelo, europeu ou americano, africano ou asiático. Usando uma linguagem que todos conhecem, podemos dizer que o amor não conhece "forma alguma de discriminação". Além disso, um cristão sabe que deve amar todos, pois em cada ser é Cristo que se ama. Ele mesmo o dirá um dia: "A Mim o fizestes" (cf. Mt 25, 40).

A "arte de amar" pede ainda que sejamos os primeiros a amar, sem esperar que o outro nos retribua.

Quer que amemos todos como a nós mesmos. Gandhi dizia: "Tu e eu somos uma coisa só. Não posso magoar-te sem me ferir a mim"¹.

Esta "arte" significa ainda saber "fazer-nos um" com os outros, ou seja: carregarmos os seus pesos, assimilarmos as suas ideias, as suas dores e alegrias.

Para dar um exemplo deste amor ao irmão e da sua eficácia em fazer cair barreiras erguidas há séculos e aparentemente indestrutíveis, gostaria de lhes contar uma minha experiência recente.

Estive há quatro meses na Tailândia. Tinha sido convidada por monges budistas para falar - em Xieng-Mai, no Norte do país - numa Universidade budista a estudantes e professores e num templo a monges, monjas e leigos budistas.

Era um facto absolutamente insólito e ainda mais surpreendente se pensarmos que me tinham pedido para expor a minha experiência espiritual, notoriamente cristã.

Como foi então que isso aconteceu?

Será possível entendê-lo conhecendo os factos que o precederam.

Um Grande Mestre budista e um seu discípulo, uma pessoa intelectual e aberta, após terem conhecido na Ásia alguns membros do Movimento, quiseram ir à Itália, a uma das nossas cidadelas chamada Loppiano, perto de Florença, onde os seus 700 habitantes procuram viver fielmente o Evangelho que produz paz e unidade. Ficaram profundamente sensibilizados. Sensibilizados pelo amor que ali encontraram.

O discípulo conta: "Eu punha os meus sapatos sujos fora da porta; de manhã encontrava-os limpos. Punha o meu vestido sujo fora da porta; de manhã encontrava-o limpo e passado a ferro. Sabiam que eu tinha frio, porque venho do sudeste asiático; aumentavam o calorífero e traziam-me cobertores. Um dia perguntei: 'Por que fazem isto?' 'Porque te amamos'", foi a resposta que o abalou.

Naquela cidadela os dois monges conheceram o amor cristão e a unidade que ele cria entre as pessoas.

Compreenderam diversas verdades do cristianismo e, entusiasmados pela experiência feita, convidaram-me a falar aos seus desta maravilha: do amor, da unidade e da paz, seus frutos.

A minha permanência na Tailândia foi - graças a Deus e apenas para a sua glória - um sucesso. Abriu-se uma ampla estrada para um diálogo profundo, com um enriquecimento recíproco. De facto, nós também admirámos a boa vontade deles, a vida deles que engloba aspectos heróicos, a sabedoria que possuem.

Agora fizemos um plano para prosseguirmos este relacionamento fraterno.

Eis, então, o valor do amor.

Todavia, quando este amor é vivido por duas ou mais pessoas, torna-se recíproco.

¹WILHELM MÜHS, *Parole del cuore*, Milão 1996, p. 82.

E Cristo, o "Filho" por excelência do Pai, o Irmão de cada homem, deixou precisamente essa norma à humanidade: o amor recíproco. Ele sabia que era necessário o amor recíproco para que haja a paz e a unidade no mundo e para que nele se forme uma única família: aquela família humana universal que vai para além do conceito limitado de sociedade internacional, dado que no seu âmago os relacionamentos entre as pessoas, os grupos e os povos visam abater as divisões e as barreiras de qualquer tipo, em todas as épocas.

Claro, para quem se dispõe hoje a acabar com as montanhas do ódio e da violência, a tarefa é imane e pesada; mas aquilo que é impossível a milhões de homens isolados e divididos, parece tornar-se possível para aqueles que fizeram do amor recíproco, da compreensão mútua e da unidade o motor essencial das próprias vidas.

E isso porquê? Existe um motivo.

Outro elemento desta nova espiritualidade, que deriva do amor recíproco, preciosíssimo, que surpreende e que admira, também foi anunciado pelo Evangelho. Diz que, se duas ou mais pessoas se unirem no amor verdadeiro, o próprio Cristo, que é a Paz, está presente entre elas e, portanto, em cada uma delas.

Ora, que maior garantia e maior possibilidade que essa pode haver para aqueles que querem ser instrumentos de fraternidade e de paz?

Em todo o caso este amor recíproco, esta unidade, que tanta alegria dá a quem a vive, exige empenho, treino quotidiano, sacrifício.

E aqui surge, para os cristãos, em toda a sua luminosidade e dramaticidade uma palavra que o mundo não quer ouvir pronunciar, porque a considera estupidez, absurdo, incompreensível. Essa palavra é: a cruz.

Não se faz nada de bom, de útil, de fecundo no mundo sem conhecer, sem saber aceitar a fadiga, o sofrimento, em síntese: sem a cruz.

Não é pouco empenhar-se em viver e em levar a paz! É necessário coragem, é preciso saber sofrer.

No fundo não foi exactamente diante da imagem do sofrimento e da dor, fruto do segundo conflito mundial, que surgiu a ONU? Que se passou do negativo da divisão e da luta para o positivo da integração entre os Estados e da unidade entre as nações?

Não foi por acaso que o Movimento dos Focolares também nasceu nesse mesmo momento histórico: na escuridão durante os bombardeamentos daquela terrível guerra, um grupo de jovencinhas descobria a luz do amor recíproco, da disposição de dar a vida umas pelas outras, e decidia levar esse amor entre as pessoas, os grupos, os povos, sem excluir nem esquecer ninguém.

Mas o que é certo é que, se muitas outras pessoas aceitassem o sofrimento por amor, o sofrimento que o amor requer, ele poderia tornar-se na mais potente das armas para dar à humanidade a sua mais alta dignidade: sentir-se não só um conjunto de povos um ao lado do outro, muitas vezes em luta entre si, mas um único povo, enriquecido pela beleza diversa de cada um e garante das diferentes identidades.

Além disso Deus Pai com o Seu amor ajuda-nos sempre neste árduo caminho.

E gostaria de recordar Maria, a mãe de Jesus e de cada homem na terra, amada, venerada, presente também noutras Religiões. Dela podemos haurir inspiração, conforto, amparo: é dever de uma mãe compor e recompor sempre a família.

Esta espiritualidade comunitária não está ligada necessariamente a uma Igreja ou a uma Religião: é universal e de certa forma pode ser vivida por todos.

Com efeito, através dela instauraram-se diálogos fecundos com todos os homens: com cristãos de muitas Igrejas - como já disse -, com fiéis de diversas religiões e com pessoas das mais várias culturas, as quais encontram sublinhados por nós os valores em que crêem. E juntos aviamo-nos para aquela plenitude de verdade que todos ansiamos.

Mediante esta espiritualidade, hoje, homens e mulheres de quase todas as nações do mundo, lenta mas decididamente procuram ser, pelo menos ali onde se encontram, fermento de um povo novo, de um mundo de paz, mais solidário sobretudo com os últimos e com os mais pobres, de um mundo mais unido.

Com esta espiritualidade sentimos que devemos dar o nosso contributo também a esta "casa" de encontro entre os povos, para apoiar com um "suplemento espiritual" os esforços que se vão fazendo para transformar a ONU num instrumento capaz de responder às expectativas da humanidade.

De resto, já faz parte do "sentir comum" dos protagonistas da vida internacional a necessidade de rever o sentido da reciprocidade, um dos pontos fundamentais das relações internacionais, e que também está na base da nossa espiritualidade e, portanto, da nossa acção.

Essa reciprocidade requer que se vençam antigas e novas lógicas de partidarismo, estabelecendo ao invés relacionamentos com todos, como o verdadeiro amor exige; que pede para tomar a iniciativa, sem condições nem esperança de resposta; que considera o outro como a si mesmo e, portanto, leva a orientar todo o tipo de iniciativa nesse sentido: desarmamento, progresso, cooperação.

É uma reciprocidade capaz de levar cada protagonista da vida internacional a "viver o outro", as suas necessidades, as suas capacidades, não só nas situações de emergência, mas a partilhar quotidianamente a sua existência.

A paz, como testemunham também as finalidades e a acção das Nações Unidas, tem nomes novos e requer em primeiro lugar um esforço que a ONU, com o especial contributo dos senhores e de todos, pode fazer: superar a categoria do inimigo, de qualquer inimigo.

Não basta excluir o conceito de guerra; devem ser criadas as condições para que cada povo possa amar a pátria alheia como a própria, num recíproco e desinteressado intercâmbio de dons.

Que Deus, Pai de todos, queira fecundar os nossos esforços com os esforços de todos os que se empenham no sublime objectivo de alcançar a paz e que, como disse João Paulo II à ONU no cinquentenário da sua fundação, se possa "Construir no século que está para chegar e para o próximo milénio uma civilização digna da pessoa humana, uma verdadeira cultura da liberdade e da paz. Podemos e devemos fazê-lo! - continuou -. E fazendo-o, poderemos perceber que as lágrimas deste século prepararam o terreno para uma nova primavera do espírito humano"².

Obrigada excelências, senhoras e senhores, pela atenção dispensada. Tenham a certeza de que nós não os esqueceremos, mas recordá-los-emos junto do Príncipe da paz. (*Aplausos*)

²In *L'Osservatore Romano* ed. ital., 6 de Outubro 1995, p. 6-7.

Moderador: Obrigado, senhora Chiara Lubich, pelas suas palavras que pessoalmente considero não tanto um discurso para um simpósio, quanto a abertura de um coração que abraça todos, revelando um espírito muito vigoroso e sensível. Agradeço-lhe muito. (*Aplausos*)

Damos agora as boas-vindas à Senhora Gillian Martin Sorensen, Assistente do Secretário Geral dos Negócios Estrangeiros, que dará uma mensagem à Senhora Chiara Lubich e a esta Assembleia em nome do Departamento Executivo do Secretário Geral, Sr. Kofi Annan. Obrigado, senhora Sorensen. (*Aplausos*)

Gillian Martin Sorensen: Boa tarde a todos e obrigada pela oportunidade de estar aqui convosco. Venho directamente de uma reunião com o Secretário Geral e com os dirigentes das Nações Unidas, que trabalham no "Comité de coordenação do plano de acção", que dá uma maior harmonia ao trabalho das Nações Unidas; mas o mesmo espírito acompanha-me ao vir aqui.

É um grande privilégio para mim exprimir, em nome do Secretário Geral, o respeito e a admiração pelo extraordinário trabalho feito por Chiara Lubich, pela sua visão profética, por ter recordado a todos nós que uma pessoa que sente apaixonadamente uma coisa, que tem um maravilhoso conceito da humanidade e grande perseverança, que dá a sua vida por esse trabalho, pode realmente fazer algo de grande no mundo.

A educação à paz, o sentido da harmonia, a consciência segura de que estamos todos ligados uns aos outros, tal como o ar que respiramos; a consciência de que vivemos todos sob um único Deus, seja como for que o exprimamos; os pontos comuns entre os vários credos; o respeito mútuo entre as várias religiões e o respeito uns pelos outros como seres humanos, tudo isso imbuiu o trabalho de Chiara Lubich e, devo acrescentar, o trabalho de muitos nesta sala.

A participação de organizações religiosas não governamentais desde o primeiro dia da existência das Nações Unidas foi extraordinariamente importante. Sabemos hoje que vós representais mais que nunca uma extensão do espírito, da essência do objectivo das Nações Unidas nesta terra. Por isso trago, não só as saudações e as congratulações do Secretário Geral a si, senhora Chiara Lubich, mas também o mais profundo agradecimento, o encorajamento e o apoio ao trabalho que todos vós fazeis e as convicções que representais neste esforço importante. Isso é necessário, é bem-vindo, é apreciado, enquanto caminhamos para a segunda metade de século das Nações Unidas: esta é uma colaboração importante para o sucesso das Nações Unidas.

As minhas respeitadas saudações, o meu agradecimento por tudo o que fizestes e pelo exemplo que dais. A todos vós nesta sala, o mais profundo apreço. Esperamos continuar a trabalhar cada vez mais unidos. (*Aplausos*)

Moderador: Obrigado, senhora Sorensen, pelas suas calorosas palavras de saudação.

Como a Senhora Lubich nos recorda constantemente, o Movimento dos Focolares não tem por objectivo criar instituições, mas o seu trabalho e o seu espírito é sobretudo facilitar a interacção de pessoas para promover a unidade. O que gostaríamos de fazer agora é facilitar este intercâmbio de ideias. Por isso gostaria agora de convidar o público a fazer breves perguntas ou observações.

Sim, este senhor.

1. Gorajeb do Líbano. Estou muito feliz por estar presente e escutar esta maravilhosa mensagem da espiritualidade da unidade, mas ao mesmo tempo tenho uma pergunta: a unidade na diversidade, como no caso do Líbano, mas agora para todos nós aqui, que acção empreender: quem, onde, quando, quais são os modos e os meios para o realizar?

Chiara: Eu digo como nós fizemos. Respondo dizendo o que fizemos no Líbano. Começámos a amar. Talvez esta palavra pareça... demasiado, mas começámos a amar um próximo de cada vez. Às vezes esse próximo era uma velhinha que fazia as compras ao mesmo tempo que nós; outras vezes era um professor; outras vezes, uma criança; ou um sacerdote, ou até um bispo. Por exemplo, existem diversos bispos de muitos ritos que nos conhecem.

Amando um de cada vez, eles sentem-se envolvidos nesta revolução do amor, que é completamente nova, porque, mesmo se temos o Evangelho há séculos, muitas vezes não o tomamos em consideração, pelo menos não o colocamos em prática.

O que o Movimento traz de novo é mesmo isto: pega nas coisas antigas, que são sempre novas como o Evangelho, cujas palavras são eternas, e coloca-as em prática, com aquele que está ao nosso lado, com o outro que encontramos, ou com o outro. Acontece que essas pessoas notam este amor, então perguntam qual o porquê do nosso amor e da nossa alegria, porque esta vida dá a plenitude da alegria. Jesus prometeu no Seu testamento a plenitude da alegria a quem viver a unidade e a paz. Então perguntam-nos: "Por que vivem assim? O que têm?". E nós contamos a nossa experiência; contamos o que fazemos e assim esta vida vai alastrando entre muitas pessoas.

Por isso agora no Líbano existe um grupo bastante numeroso de pessoas do nosso Movimento, de diversas Igrejas e de diferentes ritos; também pessoas que ocupam lugares de responsabilidade, como os bispos, os quais do alto transmitem esta ideia de viver o Evangelho, de viver o amor.

É preciso viver! Não é... Nós não nos pomos a ensinar... Também fazemos muitas actividades. Os nossos jovens, por exemplo, vêem todos os dias o que acontece de doloroso e fazem actividades para resolver essas situações nas escolas, etc. Porém a coisa fundamental é renovar a sociedade cristã: deve ser cristã! Porque... Nós muitas vezes viajamos e vemos que cidades, que deveriam ser cristãs, são como as cidades que não o são. E isso porquê? Porque não se vive o cristianismo. O importante é talvez fazer uma coisa só, mas vivê-lo. Então constrói-se sobre a rocha.

Eu tenho esta impressão: se o nosso Movimento chegou assim a tantas nações e é uma coisa realmente notável, como foi dito, é porque nos pusemos a viver, ou seja, construímos sobre a rocha, não sobre as palavras, pois o senhor sabe que o Evangelho diz que, para construir sobre a rocha, é preciso viver a Palavra de Deus.

Experimentemos começar a amar, também aqui na ONU, amemo-nos uns aos outros, uns aos outros, etc., um embaixador ame o outro; cada um dos senhores ame o outro. Veremos o resultado! Deveria surgir a presença de Cristo no meio dos senhores. E isso o que faria? Garantiria a paz para os senhores e para muitos.

Por isso eu, o que aconselho, não é tanto a fazer esta ou aquela actividade. Podem-se fazer. De resto o amor dá fantasia e faz muitas coisas. Porém fundamentalmente é preciso mudar o nosso eu, o nosso egoísmo; viver pelo outro, viver para os outros, ser os outros. E isso é o cristianismo, é o cristianismo, que no fundo é a vida da Santíssima Trindade, onde o Pai vive para o Filho e o Filho para o Pai. É a vida da Santíssima Trindade, que Cristo trouxe à terra. É essa a base. Devemos renovar a sociedade, começando pela sociedade cristã, se somos cristãos. Mas depois fazem-no todos os outros, porque também têm fundamentos maravilhosos. (*Aplausos*)

2. Sou Hannand Guruge do Sri Lanka e venho da Costa Ocidental, onde sou conselheiro especial do director geral da UNESCO para o programa da Cultura da Paz. A pergunta que desejo fazer refere-se à sua maravilhosa experiência com a comunidade budista da Tailândia. Li notícias que provinham de ambas as partes e, sendo eu budista, fiquei muito impressionado. (...)

Que conselhos nos poderia dar para a continuação deste diálogo tão frutuoso? Porque estamos a falar de diálogo entre grupos que são diametralmente opostos sob muitos pontos de vista, mas ao mesmo tempo estão unidos na mensagem importantíssima do amor que a senhora ressaltou. Gostaria muito que a senhora nos comunicasse a sua experiência de diálogo inter-religioso cristão-budista. Muito obrigado.

Chiara: A religião cristã é a religião do amor: é a religião do amor, isso é preciso recordar. Ora, o resultado do meu contacto com os budistas foi uma coisa impensável, realmente, também porque na Tailândia vigora o budismo mais sério, mais rígido, em suma, digamos.

Ao invés, aconteceu que se instaurou este diálogo, de que falei antes; surgiu este interesse na nossa cidadela de Loppiano e depois convidaram-me a ir ali.

Agora para responder à sua pergunta, queria dizer isto: eu disse que gostaríamos de prosseguir este diálogo, que não é em primeiro lugar um diálogo de palavras, mas é um diálogo de vida, de ajuda recíproca. Tanto assim que ali tivemos um sonho, pelo menos eu (e depois realizou-se), ou seja, eu disse: "Nem sempre os nossos amigos budistas poderão ir à Itália para ver como se vive o amor. Poderíamos construir também aqui uma cidadela, também na Tailândia; uma cidadela com muitos focolarinos e pessoas de todas as religiões, de todas as vocações, de todas as idades, etc." Tive este sonho e disseram-me que o comunicasse ali às personalidades que encontrei numa cerimónia.

E imediatamente - para dizer como Deus e a providência levam as coisas para a frente - uma senhora, esposa de um budista, disse-me: "Chiara, nós temos um terreno; podemos oferecê-lo para construíres a cidadela, de maneira que não seja preciso ir à Itália para ver como se vive o amor".

Depois eu disse: "Agora temos a terra, mas não temos o dinheiro para construir". E continuei a viagem indo às Filipinas. E ali uma senhora deu-me uma quantia muito grande, de maneira que agora pudemos começar a pensar como dividir o terreno, etc.

Assim os nossos budistas ficaram muito contentes, porque podem ir ali e fraternizar com os focolarinos. E mais, o sonho deles... mas não sei se o poderemos fazer porque temos de obedecer

também às nossas autoridades eclesiásticas, é que se faça tanto a igreja, como o templo, mas também o pagode, a sinagoga, que existam todas essas expressões. Veremos o que fazer. Porém eu, pessoalmente, não me oporia, pois já conheço uma forma de convivência entre realidades diferentes perto de Augsburg, na Alemanha, onde temos uma cidadela que fica em Ottmaring, uma localidade, e ali convivem senhores e famílias evangélicas e famílias, senhores e focolarinos católicos, e tem corrido optimamente, dando um testemunho formidável do amor recíproco.

Ultimamente morreram dois evangélicos, mas a ajuda que os católicos lhes tinham dado foi insuperável. É uma unidade cada vez mais profunda. E na Alemanha é o centro de um testemunho importantíssimo.

Assim também para os budistas: amemos. O amor é uma luz, que nos há-de guiar.

A nossa fé diz que, onde existe o amor, aí está Deus. E Deus ilumina: há-de-nos guiar e dizer o que fazer, como levar... Sei que aquelas monjas e aqueles monges ficaram ligadíssimos a nós. Quando os vamos visitar em Chiang Mai, recebem-nos, oferecem-nos o almoço, ajudam-nos, falam connosco. Repetem o que foi dito daquela vez na Universidade ou no templo, porque ainda se lembram.

Dizem... e eu falei como cristã, mas vê-se que é uma linguagem universal, porque é Palavra de Deus... Dizem que nunca ouviram palavras tão bonitas, e era o amor; eu falava do amor, falava da nossa experiência. Dizem assim.

Porém nós também nos demos conta, realmente, de que eles possuem valores extraordinários, que é mesmo preciso... que merecem grandíssimo respeito, um apreço enorme. Por exemplo, eles sublinham a virgindade num modo impressionante. Não é sublinhada pelos cristãos como eles o fazem! É a base da transformação espiritual deles. (*Aplausos*)

3. O que nos aconselharia a fazer a propósito de uma das guerras mais longas que ainda se arrasta em Israel, o conflito árabe-israelita? O que se pode fazer pela questão de Jerusalém?

Chiara: Nós somos poucos, porém também temos centros em Israel, tanto na parte árabe, como na parte israelita e os nossos hebreus e os nossos árabes amam-se reciprocamente.

Uma vez fizemos uma grande reunião, de 300/400 pessoas. Era bastante numerosa para aquela região. Eram todos árabes. A certa altura anunciaram que entrava um grupo de hebreus. Sabem que todos se levantaram e se puseram a aplaudir? Houve uma comoção geral, porque todos eles viviam este espírito; todos, todos procuravam amar-se reciprocamente, acreditando que é possível superar todas as barreiras.

Claro, as guerras existirão sempre, enquanto não surgir um espírito novo, porque encontram-se sempre todos os pretextos para suscitar guerras. É preciso mudar a alma; é necessário um suplemento espiritual.

Agora há muitas descobertas, muitas novidades; existem os meios de comunicação que se desenvolvem; a técnica que progride... O que não progrediu no mundo foi o aspecto espiritual. O mundo precisa de um suplemento espiritual, um suplemento de amor. É isso que lhe podemos levar. (*Aplausos*)

Tradução feita por Teresa Martins em expressão portuguesa
Ufficio Traduzioni, Rocca di Papa, 19 de Novembro de 1997